



DOI: 10.12957/transversos.2023.74935

PROTOTURISMO EM MACEIÓ-AL [BRASIL]: PERSCRUTANDO NARRATIVAS DE VIAGEM

PROTOTOURISM IN MACEIÓ-AL [BRAZIL]: SURVEYING TRAVEL NARRATIVES

Ernani Viana da Silva Neto

Universidade de Caxias do Sul

ernaniviana@gmail.com

Susana de Araújo Gastal

Bolsista CNPq de produtividade em pesquisa 1D

susanagastal@gmail.com

Resumo:

Seguindo o método Histórico-Cultural do Urbano, proposto por Pesavento (2002), este trabalho repesca, de modo preliminar, registros e experiências narrados por viajantes à cidade de Maceió, capital do Estado de Alagoas [Brasil], em livros e outros escritos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica documental, tendo como recorte temporal o século XVII até as primeiras décadas do século XX, período que antecede a uma estrutura e organização turística mais consistente no local. O objetivo deste artigo, dado seu de teor introdutório a partir do corpus assim organizado, é o de lançar luz sobre o prototurismo da cidade, hoje importante destinação do segmento de sol-e-mar. Pode-se considerar que as observações registradas pelos viajantes e estudiosos dizem a cidade sob a lente do estranhamento ao ter como referente os modernos centros urbanos, caracterizando-a, ao seu modo, conforme a porta social pela qual adentrou-a.

Palavras-Chave: Turismo; Narrativa de viagem; Destino turístico; Maceió-AL, Brasil.

Abstract

Following the Historical-Cultural method of the Urban proposed by Pesavento (2002), this work preliminarily retrieves records and experiences narrated by travelers in books and other writings regarding their visits to Maceió city, the capital of Alagoas state [Brazil]. It is a documentary-bibliographical research, with a temporal framework ranging from the 17th century to the first decades of the 20th century, a period preceding a more consistent tourism structure and organization in the location. Given its introductory nature, the objective of this article is to shed light on the city's proto-tourism (the early stages of its tourism), a city that has become an important sun-and-sea destination. It can be considered that the observations registered by travelers and researchers depict Maceió through the estrangement perspective when referring to modern urban centers, characterizing the city, in their own way, according to the social door they have entered it. (Translated by Alan Minzon)

Keywords: Tourism; Travel narrative; Tourist destination; Maceió, Alagoas State, Brazil.

1. Introdução

“Não há terra estrangeira; apenas o viajante é estrangeiro...”

Robert Louis Stevenson (1883)

O Estado de Alagoas, situado no Nordeste brasileiro, tem uma população de 3.127.511 habitantes, com renda per capita de R\$ 935,00. Registra um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,631, enquanto o país, como um todo, apresenta um IDH de 0,754. Significa tratar-se de um Estado deprimido em termos sociais e econômicos¹. A situação se repete, embora de maneira menos drástica, na capital Maceió, que registra um IDH de 0,721, para uma população de 957.916 habitantes (IBGE, 2023). A relativa melhora dos índices da capital em relação ao Estado se dá em decorrência da concentração, ali, da funcionalidade pública, da indústria, do comércio de bens e serviços e do investimento público que visa o incremento de renda nas camadas sociais desfavorecidas (IBGE, 2021, 2022; CARVALHO, 2005).

A inserção de Maceió² no fluxo turístico global, no caso, de um turismo massificado de sole-mar, decorreria: (a) da ênfase na veiculação publicitária a exaltar os atributos litorâneos; (b) da estruturação de roteiros por operadoras nacionais e locais centrada em tais atrativos; (c) de ações do poder público, todas elas, em grande medida, desconsiderando as potencialidades culturais, artísticas e lagunares da cidade (BEZERRA; VASCONCELOS, 2012). Segundo Torralba e Vinuesa (2019:p.131), o turismo de massa necessita de um significativo contingente de consumidores para manter-se operante, o que, ao mesmo tempo, o torna em uma modalidade disfuncional a cidades médias ou pequenas, devido a “pressão do excursionismo; a visita banal; a relação ruim entre custos e benefícios sociais, econômicos e culturais; a perda de identidade da cidade histórica; e a banalização da cultura”. Acrescente-se, o esgotamento da capacidade de carga e das boas condições de acolhimento pelos moradores. Este quadro se agrava quando tal modalidade turística - massificada e massificante -, se associa a pautas políticas que buscam se apresentar como democratizantes do lazer e da cultura (SILVA, 2019).

Se o cenário de alta presença de turistas em Maceió reporta aos anos 1970, movimentos iniciais, mesmo que mais tímidos, podem ser localizados em meados da década de 1920, após a I

¹ A Fundação Getúlio Vargas, em estudo de 2022, aponta Alagoas com percentual de pobreza acima de 50%, o terceiro mais alto do país (NERI, 2022).

² O documento Um Olhar sobre o Turismo de Maceió (2016) informa que a oferta turística da capital alagoana estava, naquele momento, estruturada em: 660 unidades de Infraestrutura de Apoio ao Turista; 846 Serviços e Equipamentos Turísticos; 115 Atrativos Turísticos; 108 Equipamentos de hospedagem; 3.148 funcionários envolvidos; 16.086 Leitos disponíveis; e 79 recursos culturais, estes últimos concentrados em sua maioria nos bairros do Centro e do Jaraguá.

Grande Guerra Europeia, momento em que a cidade possuía dois cassinos, que incluíam no seu cast coristas vindas da França, Polônia e Itália. No mesmo período, a cidade também contava com produção literária em torno dos integrantes da ‘roda de Maceió’, movimento que chamava a atenção da intelectualidade brasileira (VERAS FILHO, 1991). Integravam o grupo nomes como os de Jorge de Lima e Graciliano Ramos. Em entrevista concedida a Gustavo de Sorá, em 25 de fevereiro de 1997 e como citado por Silva (2011), a escritora Rachel de Queiroz destaca: “Éramos grandes amigos, eu, Graciliano e a mulher dele. A gente se frequentava muito. Nesse período em Maceió, por coincidência, Zé Lins [do Rêgo] morava lá [...]. E o Aurélio Buarque de Holanda também morava lá; era de lá.”

Anterior a esta fama literária, o Estado já colecionava slogans apropriados pela publicidade turísticas, entre eles, aqueles que a diziam como ‘Terra dos Caetés’³ e ‘Terra dos Marechais’, este último devido ao proclamador da república, Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892), e seu sucessor, Marechal Floriano Peixoto (1839-1895), serem alagoanos. Mais adiante, nos anos de 1980, o slogan a destacaria como ‘Paraíso das águas’, em razão das suas lagoas, do rio São Francisco e das águas marinhas. E, já na década de 1990, acrescentar-se-ia o ‘Terra da Liberdade’, por conta da instalação de equipamentos memorialísticos no quilombo dos Palmares, localizado na Serra da Barriga, município de União dos Palmares⁴, e da nomeação de Zumbi dos Palmares como Herói Nacional⁵. A capital, Maceió, também detém alcunhas que ocupam o imaginário popular, como ‘Cidade Sorriso’, na década de 1960, durante a gestão do prefeito Sandoval Cajú e, nas décadas seguintes, alcunhas criadas por revistas especializadas em viagens que a destacavam como ‘Terra do Sol’, ‘Caribe Brasileiro’, ‘A mais prateada morada do Sol’, entre outras.

Sobre as movimentações de turistas e viajantes em Maceió, antes da década de 1930,

³ Para compreender o processo colonial empreendido nesta parte do nordeste, e sua trama com os indígenas Caetés, recomenda-se ver o documentário: “História Brasileira da Infância – Parte 1” Direção: Werner Salles Bagetti. (55min. 2005) Plataforma: YouTube. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

⁴ “A ‘Serra da Barriga, parte mais alcantilada’ foi acautelada no ano de 1986 pela legislação federal de tombamento, o Decreto-lei nº 25 de 1937. Pertence ao Governo Federal após processo de desapropriação, com a posse repassada pela Secretaria de Patrimônio da União, em 7 de abril de 1998, à Fundação Cultural Palmares, por meio de Certidão nº 047 de 1998, com o objetivo de gerir ações para a sua manutenção e preservação” (IPHAN, 2017: p. 8).

⁵ O nome de Zumbi dos Palmares foi inscrito no Livro de Aço dos Heróis e Heroínas Nacionais no dia 21 de março de 1997. O primeiro ato evocativo ao 20 de novembro, data da morte de Zumbi e celebrado oficialmente como Dia de Zumbi e da Consciência Negra Brasileira através da Lei nº 12.519, de 10 de novembro 2011, se deu em Porto Alegre-RS com o Movimento Palmares, liderado por Oliveira Silveira no ano de 1971, em contraposição ao dia 13 de maio, dia da abolição da escravidão. A proposta logo foi aceita pelo MNU – Movimento Negro Unificado de São Paulo e seguido pelas demais organizações afrobrasileiras.

Vasconcelos, Araújo e Ramos (2016: p.142) destacam:

Apesar de alguma literatura identificar atividades turísticas na cidade de Maceió e no Estado de Alagoas anteriores à década de 1930, tais dados são genéricos e esparsos. Dentre as poucas publicações existentes acerca da História do Turismo em Maceió, a única que descreve alguns elementos referentes às primeiras décadas do século XX é a obra de Moreno Brandão, um opúsculo, ou folheto, segundo o próprio autor, intitulado *Vade Mecum do Turista em Alagoas*, de 1937.

Considerando tais cenários, o objetivo do presente estudo é o de reunir dados, ainda difusos, sobre o que propomos tratar como prototurismo em Maceió, ou seja, considerações espontâneas produzidas em registros históricos e literários sobre visitas realizadas à cidade, no período anterior a publicação da obra de Moreno Brandão, e, como já citado, antes que uma estrutura organizacional político-econômica se voltasse para o setor turístico nacional após 1930⁶. Em termos metodológicos, como aprofundado a seguir, parte-se de pesquisa em fontes primárias, buscando narrativas e estudos que referenciassem experiências e percepções vivenciadas na cidade, no período citado. Neste sentido, como proposto por Veras Filho (1990: p. 31), considera-se que “história também é turismo, porquanto fatos históricos estão diretamente ligados a um menor ou maior potencial turístico de determinado local”.

2. Aspectos Teóricos e Metodológicos

Em muitos casos, a viagem manifesta uma dimensão do humano, que busca por sensações e experiências em lugares que não o seu de residência. Ianni (2003: p. 31) nos ajuda a entender este ímpeto ao explicar que:

À medida que viaja, o viajante se desenraiza, solta, liberta. Pode lançar-se pelos caminhos e pela imaginação, atravessar fronteiras e dissolver barreiras, inventar diferenças e imaginar similaridades. A sua imaginação voa longe, defronta-se com o desconhecido, que pode ser exótico, surpreendente, maravilhoso, ou insólito, absurdo, terrificante. Tanto se perde como se encontra, ao mesmo tempo que se reafirma e modifica. No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa.

Em paralelo ao que seria uma necessidade ontológica, em décadas recentes, o Turismo passou a demandar políticas públicas e ações de intervenção pelos gestores de cidades. A lógica que deve acompanhar os processos de turistificação dos lugares, ou seja, o da apropriação dos

⁶ Lira Neto (2013), biógrafo do ex-presidente Getúlio Vargas (1882-1954), afirma que o estado novo (1930-1945) teve como intenção o desenvolvimento da indústria nacional, a partir do capital externo, bem como promover a imagem do país através da estruturação de políticas econômicas e ordenamento dos serviços turísticos.

espaços para finalidade turística, é a de promover movimentos, percursos, encontros, estranhamentos, conhecimentos e reconhecimentos entre visitantes, anfitriões e/ou residentes, itens apropriados em diferentes caracterizações da atividade (RODRIGUES, 1997; HENRIQUES, 2003; GASTAL, 2006.). As diferentes abordagens acadêmicas e de mercado nos permitem o entendimento, no âmbito das reflexões aqui propostas, considerar o Turismo como um “campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços diferentes daqueles dos seus cotidianos. É um deslocamento coberto de subjetividade, que possibilita afastamentos concretos e simbólicos do cotidiano [...]” (GASTAL; MOESCH, 2007: p.11).

Segundo Keller (2005), entre as motivações que interferem na decisão de viajar estão aquelas estimuladas por atrativos naturais e culturais tidos como diferenciados daqueles do local de origem do visitante. Tais atrativos acionam o ímpeto transfigurante pelos deslocamentos para lugares distantes, de que fala Ianni (2003), que pode ser deflagrado por uma narrativa histórica, ficcional, artística, jornalística ou mesmo, em tempos recentes, por postagens nas redes sociais. A narrativa pode gerar atributos de singularidade ou mesmo de autenticidade em torno do lugar, no sentido de agregar-lhe uma aura, como proposto por Walter Benjamin (1987) em relação a obra de arte, ou como alma do lugar, na teorização de Eduardo Yáziqi (2001). A narrativa cria uma contemplação prévia do lugar na mente do leitor, imagem e imaginários que se concretizam (ou não), quando em viagem ao destino narrado. Trata-se de relação ficção-realidade em que o turista-leitor povoa seu imaginário enquanto leitor-turista (SIMÕES, 2002).

Na narrativa de viagem, o escritor-viajante é ao mesmo tempo produtor da narrativa, objecto, por vezes privilegiado, da narrativa, organizador da narrativa e encenador da sua própria personagem. Ele é assim narrador, actor, experimentador e objecto da experiência. Ou ainda, o memorialista dos seus feitos e dos seus gestos, herói da própria história que inventa e que arranja à sua maneira, testemunha privilegiada em relação ao público sedentário. (MACHADO; PAGEAUX, 1988, apud RIBEIRO, 2017: p. 3)

Da Antiguidade, passando pela Idade Média e alcançando a Modernidade, a história ocidental está marcada pela expansão marítima europeia. A partir do século XV, a literatura de viagem assume formas cartográficas e de tratados técnicos sobre as condições de navegabilidade em rotas comerciais, assim como forma de coleta e organização de informações que irão subsidiar o processo colonial. O relato torna-se uma prerrogativa necessária, decorrente dos avanços dos processos de dominação europeia sobre os novos mundos, com seu alto custo financeiro e humano. Passando pelo século XVI, a popularização dos impressos propiciada pelo invento do

alemão Johannes Gutenberg, favoreceu a produção e a reprodução de documentos e relatos de viagem. A partir deste momento, sob os preceitos filosóficos do francês Michel de Montaigne⁷ (1533-1592), práticas como o Grand Tour⁸ levaram ao entendimento de que as viagens adicionariam valor à formação dos jovens aristocratas, especialmente se ingleses e alemães. Já no século XVIII, à viagem se acresce o princípio pedagógico, agora inspirado pela obra *Emílio ou Da Educação* (1762), do suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e, no mesmo século, do alemão Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), ao relatar sua experiência na obra *Viagem a Itália* 1786-1788, em que concebe uma nova estética na escrita de si ao exprimir as sensações de ‘renascimento’ que vivenciara quando em Roma.

Em paralelo a tais contextos, o Brasil vai se fazendo presente no imaginário europeu. É possível destacar a circulação da Carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1500, considerada como documento inaugural da literatura de viagem a abordar o país; seguiram-se registros assinados por diferentes escribas, que passaram a acompanhar os navegadores, aventureiros e especialistas que aportaram em terras brasileiras desde então. A referência cultural dos viajantes-escritores do Velho Mundo seria a lente pela qual a Europa observaria a natureza, as pessoas e suas relações sociais (FRANÇA, 2012; BARREIRO, 2002).

Para o estudo introdutório, foco do presente artigo, nos ateremos a narrativas encontradas na primeira fase da investigação, que registram considerações sobre o Estado de Alagoas e, mais especificamente, sobre a capital Maceió. Para situar o processo de pesquisa, parte-se do pressuposto de caracterização do Turismo como fenômeno social interdisciplinar. Ou seja, a pesquisa acadêmica sobre Turismo dialoga com diferentes campos de conhecimento para sua melhor compreensão, em especial com as Ciências Sociais, como exposto, entre outros, por Tadioto e Jung de Campos (2021), Barretto (2003), Jafari (1994), Moesch e Gastal (2007). As duas últimas autoras endossam que a “interdisciplinaridade aponta um método investigativo fecundo sob o ponto de vista epistemológico, desde que superados os nichos particularistas existentes nas universidades, nos quais os clássicos campos do saber são [ainda] criteriosamente delimitados” (p. 14).

Esta pesquisa toma emprestado o método da História Cultural do Urbano, proposto

⁷ Seu livro mais conhecido é “A viagem de Montaigne à Itália através da Suíça, Alemanha e Áustria (1580-1581)”, o qual inspirou a realização do Grand Tour pelas demais aristocracias europeias.

⁸ “O Grand Tour transformou as viagens em empreendimentos filosóficos e científicos, que permitiam o ao viajante fazer comparações e formular, a partir delas, valores mais universais que aqueles engendrados em contato apenas com os costumes do seu local de origem” (COSTA, 2014: p.25)

por Pesavento (2002), que preconiza investigar a cidade através de representações, discursos e imagens que digam e alimentem os imaginários sociais sobre a mesma, especialmente em suportes literários. Para a autora, o “procedimento implica pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, às suas ruas e formas arquitetônicas, aos seus personagens e as sociabilidades que nesse espaço têm lugar” (p.10), no presente caso validados como documentos históricos. Subsidiário do procedimento histórico-cultural, a proposta de Pesavento permite porosidades relacionais entre o literário e o artístico, que levem a insights dos pesquisadores ao organizá-los.

Para Jacques Le Goff (1990: p.10), “a história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer ‘Eu vi, senti’”. Este aspecto da história-relato e da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica”. Esta mediação se faz possível graças às articulações entre as abordagens conceituais <Imagem> e <Imaginário>, sendo imagem, no caso em estudo, as verbalmente construídas, para além do que o senso comum reconhece como materialidades que se dão ao olhar. O imaginário, por sua vez, como proposto por Maffesoli (2001), seria um reservatório mental onde se armazenam imagens, sentimentos, percepções, experiências de vida, entre outros. E aqui o francês retoma Benjamin e coloca o imaginário como uma aura. E nesse sentido, trata-se antes de tudo de um sentimento, que permeia a relação entre pessoas e lugares, situação em que as narrativas desempenham papel fundamental (GASTAL, 2005).

O registro dos viajantes, por estes ocuparem a posição de observadores privilegiados, dizem a cidade, condensam-na em uma fala-texto imagética que traduz as transformações do espaço social de/em um dado período, fazendo com que a literatura de viagem se tornasse fonte privilegiada nos campos da História, da Sociologia e da Antropologia, entre outros (FLECK, 2006). Assim, segundo a mesma autora, as “descrições e informações constantes nesses relatos constituem, na verdade, representações, invenções da realidade, produzidas com base nas visões de mundo dos viajantes que incidem sobre a feitura e sobre a transformação historiográfica de uma memória” (p. 273).

Constituído o corpus, para analisá-lo Pesavento (2002) recomenda levar em consideração as condições de produção do texto/documento, situar o autor no espaço-tempo, seu meio sociocultural e o público a que se destinava quando da sua elaboração. Ou seja, as condições de produção da imagem construída ao seu tempo e suas circunstâncias. Significaria,

segundo a autora:

[...] recolher, cruzar, comparar e relacionar todas as variáveis e registros a fim de construir uma narrativa que tenha o efeito de real, que dê uma versão do 'passado' o mais próxima possível do que tenha 'verdadeiramente acontecido'... ou seja, mesmo admitindo que a representação não atinge ou revela uma verdade única e absoluta e que constrói algo análogo e semelhante ao que efetivamente ocorreu um dia [...]. (p. 11)

Para a presente pesquisa, conforme objetivo proposto, o corpus foi constituído a partir de busca com os termos “Descrição e Viagens”, “Alagoas”, e “Maceió”, na Coleção Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin⁹, nas edições do Senado Federal¹⁰, e por autores como Octávio Brandão, Mário de Andrade e a pesquisadora Maria de Fátima de Mello Barreto Campello. As obras encontradas estão tipificadas como relatos de viagem; guias para viajantes; almanaques; estudos históricos; geográficos; obras literárias produzidas no século XIX e até a década de 1930 do século XX.

3. Maceió sob o Olhar dos Viajantes.

“Senhor Turista, Vossa Excelência, que vem fazer em Porto Calvo?
[...] Procura o povo ou que paisagem?”
Lêdo Ivo (1985)

A contextualização do espaço-tempo e do meio sociocultural em que se defrontaram os primeiros viajantes à região, e que alimentaram as imagens e imaginários sobre ela, necessita de um saber prévio sobre a configuração do território do Estado de Alagoas e da sua capital, Maceió. O estado alagoano formou-se interinamente na Capitania Hereditária de Pernambuco, da qual se desmembrou, entre outros, pela configuração geográfica e pela desidentificação com os ideais insurgentes republicanos. A geografia local está entrecortada por rios e lagoas, circunscrevendo um sistema cultural autônomo, ao ponto de ser considerada como uma civilização das águas, detentora de uma cultura anfíbia (LINDOSO, 1981; 1983; 2000; 2005).

[...] o processo de exploração do território 'alagoano' tenha sido fundado no intento de proteger, contornar, demarcar e delinear os limites [...] o mesmo se iniciou de baixo para cima, ou seja, do Sul para Norte. Isto porque, as primeiras raízes evocam as

⁹ Disponível em <https://www.bbm.usp.br/pt-br/> Último acesso em 9 de março de 2023.

¹⁰ Disponível em <https://livraria.senado.leg.br/> Último acesso em 9 de março de 2023.

duas grandes fronteiras finais do extremo sul da capitania: o porto do francês e Penedo¹¹. (CAETANO, 2010: p. 22)

Uma breve cronologia permite uma mínima compreensão do processo de formação do Estado de Alagoas e de Maceió, que facilite a melhor compreensão dos textos dos viajantes apresentados na sequência:

1587 – O historiador Gabriel Soares de Sousa descreve o litoral alagoano no Tratado Descritivo do Brasil (1587), desde o Cabo de Santo Agostinho (Pernambuco) até a foz do rio São Francisco (Alagoas). Situa o porto do Jaraguá; o velho porto dos franceses, nas imediações do atual município de Coruripe, de onde contrabandeavam o pau Brasil com apoio dos indígenas - “d’aqui faziam seus resgates com os gentios” (Idem: p. 37) -, também “onde se perdeu o Bispo do Brasil D. Pedro Fernandes Sardinha” (Idem); e o porto novo dos franceses, na atual praia do Francês em Marechal Deodoro.

1609 - A cidade de Maceió embriona-se na sesmaria de Manoel Antônio Duro, residente da Pajuçara, que recebeu as terras de Diogo Soares, alcaide-mor de Santa Maria Madalena da Lagoa do Sul, atual Marechal Deodoro (ALAGOAS, 2018).

1673 – O rei de Portugal, D. Afonso VI, ordena ao Visconde de Barbacena a criação de um forte no Porto do Jaraguá (ALAGOAS, 2018), que pode ser conferido na cartografia de José Fernandes Portugal, de 1803, intitulada Plano das Enceadas de Jaragua e Pajusára.¹²

1757 – Campello et al. (2017) propõem que a certidão de nascimento de Maceió se materialize em documento de 1757, de base cartográfica, chamado Planta e Explicação daz Enciada de Jaragôa e Pajusara. Refutam a ideia de que a cidade tenha se desenvolvido a partir de um engenho, mas sim, desde o começo, a origem seria o porto de Jaraguá.

1815 – O Ouvidor Batalha envia um relatório para o príncipe D. João, em que aconselhava quanto à necessidade de estabelecer uma nova capital em Maceió, por conta da importância do Porto do Jaraguá (CARVALHO, 1980: p. 160).

1817 - Alagoas desmembra-se de Pernambuco, no entanto, o documento de separação não delimitou as fronteiras do novo Estado, ocasionando subsequentes disputas territoriais (COSTA,

¹¹ A cidade de Penedo fica ao extremo sul do estado as margens do Rio São Francisco e constituía-se como importante entreposto das embarcações que advinham de Minas Gerais e Bahia. Séculos adiante, a “modernização do Porto de Maceió, que em muito motivou a mudança da administração política do estado, tem a ver com os interesses ingleses, e das oligarquias locais, em aumentar o escoamento da produção da cana-de-açúcar do estado no século XIX”. (GRAHAM, 1974)

¹² Disponível em <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>

1932: p. 9). A demarcação final consolida-se somente com a Proclamação da República, em 1889, encabeçada pelo alagoano Marechal Deodoro, mesmo período em que a elite alagoana, aliada ao poder central, aristocratizou a estrutura social, a ordem política e econômica, resultando, assim, numa das maiores concentrações fundiárias do país (CARVALHO, 1980; LIRA, 2007). Tais estruturas são percebidas até os dias atuais, submetendo possíveis renovações civilizatórias a um intenso controle regulador.¹³ No mesmo ano há a mudança da capital das Alagoas do Sul (atual Marechal Deodoro) para Maceió.

1839 - Por conta da mudança da capital e com as tensões políticas pacificadas, a cidade passa a configurar-se com a seguinte urbanização: uma região central (distrito de Maceió, com a Catedral e os novos espaços políticos do Estado), recebendo incentivos para seu desenvolvimento institucional e comercial; os distritos do Jaraguá e Pajuçara, com o desenvolvimento econômico via porto marítimo; e, ao sul, os espaços lacustres que mantiveram as primeiras residências e comércio com a velha capital, entre eles: Trapiche da Barra, Pontal da Barra, Levada, Mutange, Prado, Bebedouro, Vergel do Lago e Fernão Velho. Brandão (2003: p.14), seguindo a metáfora das águas, descreve a cidade como segue: “Nascida entre o mar e a lagoa, no meio de um alagadiço, Maceió vive sob o signo da água”. Geograficamente, trata-se de uma Cidade Restinga, oriunda de numa planície aluvial formada pelos sedimentos deixados pelo rio Mundaú, coberta por faixa mais arenosa na área litorânea resultando na compressão do primitivo estuário que deu origem a lagoa Mundaú (LIMA, 2010).

1845 - O Ministério da Marinha francesa publica *Escripition des Côtes de l'Amérique Méridional*, nele apresentando o porto do Jaraguá como possuidor de “água boa” para ancoragem e que mais adiante, escondido pelos coqueiros, o porto da Pajuçara, que em dias bons “não pode deixar de ser notado” (ROUSSIN, 1845: p. 121).

Posta a cronologia em seus termos históricos mais significativos, segue-se a exposição dos relatos sobre Maceió, sob olhar dos viajantes que lá estiveram, especialmente no século XIX.

Nas décadas de 1820 e 1830, Alagoas recebe a visita de dois importantes botânicos, o baiano Antônio Muniz de Souza (1782-1857) e o inglês George Gardner (1812-1849). Muniz,

¹³ A metáfora deste processo por ser notada nas poesias de Lêdo Ivo (2004), dentre as quais “Planta de Maceió”: “O vento do mar rói as casas e os homens, /Do nascimento à morte, os que moram aqui/andam sempre cobertos por leve mortalha de mormaço e salsugem” (Idem, p. 546).” e no curta metragem “Maré Viva” (Tela Tudo Clube de Cinema, 2013). Em ambos, os elementos trabalhados em suas obras figurativas são: O mar, a cidade, as mais diversas pressões e angústias da intelectualidade local. (GASTAL; DA SILVA NETO. 2021)

que detinha a patente de Capitão, passa por Alagoas em julho de 1822, época das revoltas que acompanharam os processos da Independência do Brasil e, no Estado, o processo de separação de Pernambuco e de mudança da capital, contexto que o leva referir-se à população local de maneira rude, ao mesmo tempo em que salienta a postura hospitaleira do local:

[...] pela insubordinação, em que se achavam os povos, pelos quais eu era a cada passo atacado, violentado e roubado; de sorte que me deixaram limpo de todo o meu facto, preciosidades, e até da notícia estatística, que muito senti, não só pelas fadigas e suores, que me tinha custado [...]. Os ataques e insultos, que a cada instante eu sofria dos povos da Província d'Alagoas, eram praticados por aquela qualidade de gente, que sempre está pronta a concorrer para a desonra de sua Pátria; ao mesmo passo que daquelas pessoas, que fazem a honra e felicidade alheia, recebi sempre alguns socorros e hospitalidades. (SOUZA, 1834: pp. 18-19)

Prossegue falando dos “que seguem a vida a cavalo”, em relação aos sujeitos presentes na região: “Esta classe de gente é tão inútil ao Estado, como à Sociedade. Lembra-me de ter perguntado (na Vila de Poxim na Província d'Alagoas) a um destes malvados, quanto teria ele pago de Direitos ao Estado em toda a sua vida: com muita satisfação me respondeu, que nem um só real; que Missas sim tinha mandado dizer algumas” (Idem: p. 39).

Já a obra de Gardner (1942), ao relatar suas experiências de cinco anos no Brasil - desconsiderando-se suas visões raciais - faz importantes descrições sobre cidades de Alagoas, onde esteve em 1838. Além das considerações sobre Maceió, descreve um curioso hábito do brasileiro, diferente do vivenciado por Muniz de Souza, sobre o trato local ao viajante estrangeiro:

Uma das grandes desvantagens de quem viaja no Brasil é a dificuldade de obter acomodações. [...], e as poucas que há pertencem a estrangeiros. [...] os brasileiros, quando viajam, levam consigo criados, provisões, apetrechos de cozinha e camas; e é raro que não encontrem uma ou outra casa vaga em alguma aldeia durante sua viagem. [...] Os brasileiros são particularmente atenciosos com qualquer estrangeiro que lhes é recomendado; e, durante todas as minhas peregrinações, poucas vezes fui de um lugar para outro sem cartas, nem me lembra uma só vez que não fosse cortesmente recebido por aqueles a quem assim me apresentei. (p. 94)

Gardner esteve em Maceió em 1838, entre os dias 4 e 12 de fevereiro e, de passagem, durante os meses de março e abril.

A cidade de Maceió é bastante grande, com uma população de cerca de 5.000 almas. Antes da Independência do Brasil, quando os portugueses foram expulsos pelos brasileiros, a população subia, a mais de sete mil, e, como estes eram os principais capitalistas, o comércio da cidade declinou sensivelmente desde então. [...] há uma aldeiola chamada Jaraguá, rente ao mar, com dois cais para carregar e descarregar mercadoria, e uma aduana. [...]. A região em torno de Maceió não é tão plana e monótona como a dos arredores de Pernambuco. [...] Maceió é considerada mais insalubre que Pernambuco ou Baía, sendo aí muito frequentes, sobretudo na entrada

das chuvas, os casos de febre intermitente. (p. 87)

Em 1845, o missionário metodista americano Daniel Parish Kidder é bastante detalhista ao informar sobre as belezas naturais e o modo de ser no lugar. Chegando do Estado da Bahia, descreve:

O porto principal da província é Maceió, onde entramos após uma viagem de quarenta horas da Bahia. [...] Mesmo a mais bela das ilhas dos mares do Sul dificilmente apresentará aspecto mais pitoresco que o porto de Maceió. [...] A areia tem aí a alvura da neve e parece ter sido branqueada pela espuma que as ondas atiram incessantemente sobre ela. [...] Um pouco atrás da linha d'água se eleva um único correr de casas brancas, sombreadas, aqui e acolá, por moitas de coqueiros majestosos, cujos frutos enormes, agrupados entre as palmas abundantes, lembram gemas engastadas entre as plumas de uma coroa real. (KIDDER, 2008: pp.79-80)

Atualmente, o poder de atratividade turística da cidade de Maceió - e dos demais municípios litorâneos do estado de Alagoas - está centrado nas imagens marinhas caracterizadas por sua cor, temperatura e mansuetude. Nem sempre as areias do mar eram lugar do lazer, mas pelo contrário, poderiam ser locais de crimes, de localização de leprosários ou de espaço de lazer para grupos marginalizados. Kidder (2008: p.81) refere-se a este último aspecto:

As primeiras pessoas que nos atraíram a atenção foram seis homens e mulheres de tez escura, à frente de uma cabana próxima. Um ou dois dos rapazes estavam deitados sobre a areia enquanto que outros se estendiam em paus roliços, como se tomassem banho de sol. [...] As mulheres estavam sentadas ao pé deles, executando algum carinhoso mister em suas cabeças. [...] felicitamo-las, mentalmente, por terem elas diante de si todo um dia lindo para o desempenho de sua penosa tarefa.

Sobre Maceió, observa as más condições de conservação de prédios e a singeleza de suas ruas:

A cidade de Maceió se resumia em uma única rua. [...] Os outros prédios públicos dignos de nota eram: o teatro, o palácio do governo, alojamentos para soldados e o paço municipal. [...] Apesar de vários motivos de interesse geral, o teatro estava inteiramente aberto, aparentemente abandonado e dando, um dos lados, a impressão de ter sido demolido para reforma ou caído em ruínas. Em grande parte, as casas de Maceió são construídas de taipa, e, com exceção de apenas uma ou duas, jamais excedem de um único pavimento. [...] As casas de comércio eram destituídas de interesse. A tabuleta de quase todas elas consistia simplesmente numa espécie de mercadoria principal, por exemplo, um peixe salgado, um pedaço de carne-seca ou um pano espetado num pau projetando-se pela rua. (Idem: pp.81-83)

Outra observação envolve crianças negras, nuas pelas ruas, casais dormindo ou jogando cartas em suas casas, com as portas abertas, e muitas mulheres confeccionando rendas. Ressalta a hospitalidade local, como registrado na passagem a seguir:

Quando pela primeira vez fomos à praia, assaltados pela sede, após extensa caminhada, apeteceu-nos um pouco de água-de-coco, bebida simples e saudável. Indicaram-nos uma casinha muito simples bem-posta, à sombra da vários coqueiros. Recebeu-nos à porta um português aparentando 50 anos. Com toda delicadeza nos fez entrar para esperarmos a chegada de um negro que devia subir ao coqueiro e apanhar os cocos. A casa era limpa e confortável, e, sobre a mesinha da sala de visita, viam-se dois ou três livros. (Idem: p.88)

Ao finalizar suas considerações sobre a cidade, o reverendo tece comentários sobre as relações promiscuas das autoridades religiosas com os coronéis do Estado; também descreve a relevância da República de Palmares, importante espaço quilombola formado por negros fugidos do regime de escravidão, sob liderança de Zumbi.

Em 1859 os dirigentes políticos e econômicos de Maceió e Penedo recebem a família imperial brasileira com festividades, dentro das possibilidades de uma “terra pobre, desajudada do poder central e duramente trabalhada pela politicagem” (DUARTE, 2010: s.p.), que disputavam entre si quem deixaria melhor impressão junto aos ilustres hóspedes: “Pouco extensa a área urbana de Maceió, apresentava-se, todavia, em péssimo estado de conservação para ser vista por olhos imperiais, sem pavimentação a maioria de suas ruas, becos e largos”. Para a ocasião, a Praça Matriz foi totalmente “renovada, custosa e não deixou nada a dever para as outras províncias”. Dom Pedro II e sua família haviam desembarcado no porto de Jaraguá, no dia 31 de dezembro, em torno das 11h30, sendo acolhidos no Trapiche Faustino. Seguiram em cortejo para Catedral Metropolitana, que seria inaugurada pelo Imperador.

Em seu diário, D. Pedro II escreve: “Muito entusiasmo. Meio-dia chegada a Matriz - belo templo acabado hoje mesmo [...]”. Às 6 horas da manhã do dia 1º de janeiro de 1860, o Imperador sai a cavalo para circular por diversos pontos da capital. Em seu diário, registra: “Pajuçara até quase Ponta Verde. Igrejas menos o [a igreja da Nossa Senhora do] Livramento. Cadeia - presos amontoados; ainda não está concluída - boa casa da câmara, júri e audiência - Casa da Misericórdia com 6 mulheres e 19 homens - por acabar [...] Cemitério sem casa para autópsia [...]”. Na tarde do mesmo dia, participa da Missa da Catedral e visita o Farol e o Paiol da cidade. À noite foi ao Teatro Maceioense, atual Teatro Deodoro.

No dia 2 visitou o bairro da Levada, entrando em um matadouro que achou mal localizado e sem limpeza. “Às 11hs, como um simples turista, voltava ao paço e largava-se novamente de tarde para um passeio até Jacarecica” (DUARTE, 2010: p. 89). Em sua estada em Maceió visitou, ainda, a região dos canais e lagoas, o bairro de Fernão Velho e cidades vizinhas. Esta viagem, embora tenha sido a que menores considerações recebeu nos registros do

Imperador, impulsionou a aprovação de leis para operação dos transportes a vapor na região lagunar.

Outros registros sobre Maceió estão no livro *Viagem ao Brasil 1865-1866*, assinado pelo geógrafo Louis Agassiz e sua esposa Elizabeth, a partir da Expedição Thayer, realizada a pedido de Dom Pedro II, para registro dos tipos raciais e a botânica presentes no Rio de Janeiro e na Amazônia. Passando por Maceió, têm um encontro com João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu, Visconde de Sinimbu, em 30 de julho de 1865. Os visitantes e o visitado conversam sobre a situação dos negros no Brasil, e sua admiração pelas inclinações abolicionistas do Visconde.

O político e viajante Joaquim de Almeida Leite Moraes, avô do modernista Mário de Andrade, registrou sua passagem por Maceió em 1881, no livro *Apontamentos de Viagem*, obra considerada um marco deste gênero literário no país. Sobre sua passagem por Maceió escreve:

Esta capital, vista ao longe, é uma pequena garça pousada na praia, prestes a fazer o seu voo... Saltando em terra, fui almoçar no hotel Leão do Norte, sem ser o de Pernambuco: e, não tendo lugar no bonde, que partiu para a cidade alta, e não havendo outro meio de transporte, segui a pé, caminhando até lá mais de um quarto de légua, sai no largo onde estão situados dois belos edifícios, o da tesouraria geral, que visitei, e o da assembleia provincial. Percorri as ruas mais importantes: Fui ao mercado: Pouco movimento: Cidade pequena. (MORAIS, 1881: p. 266)

Em 1883, texto de Sauer no *Almanak Imperial* caracteriza Maceió:

Cidade florescente, pouco distante do porto de Jaraguá e assentada à beira do mar no lugar chamado Ponta Verde, com mais de 8,000 habitantes. [...] com cinco praças e largos, e muitas ruas, que, embora irregulares, dão-lhe o bonito aspecto; a parte em projeto é extensa, e já tem muitas edificações, sendo notáveis seguintes edifícios: igreja de Nossa Senhora dos Prazeres (matriz), Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Livramento, Bom Jesus dos Martírios, Nossa Senhora Mãe do Povo, palácio do governo, assembleia provincial, cadeia e municipalidade, hospital de caridade e muito quartel de polícia, praça do mercado, liceu, inspeção do algodão, capitania do porto alfândega, barracão, cemitério. Os produtos que mais exporta esta província são todas as espécies de cereais, algodão açúcar, madeira de tinturaria, diversas qualidades de azeitei, óleos e cochonilhas. (p. 69)

Também registra que as navegações pela Orla Lagunar são diárias, com exceção dos domingos. Os destinos eram Maceió, Marechal Deodoro e Pilar. As horas das partidas estavam reguladas pelas marés, sendo anunciadas semanalmente. Operavam em águas fluviais e marinhas a Companhia Brasileira de Navegação a Vapor, com três viagens mensais para Bahia, Ceará, Espírito Santo, Pará e Pernambuco; a Companhia Baiana de Navegação a Vapor, com duas viagens mensais; e a Companhia Pernambucana de Navegação a Vapor, com duas viagens

mensais. A cidade já contava com seis hotéis: Bôa-Vista, de Luiz Efigênio do Rosário; Commercio, de Luiz Pereira da Cunha; Estaminet, de Miguel Pinhataro; Hospedaria Ingleza, de João T. Ferreira; Leão do Norte, de J. V. P. Pinto da Silva; Occidente, de Abdon Machado & Cia.

Campelo (2009), ao estudar a Construção da Imagem Coletiva de Maceió nos anos de 1903 a 1934, percebe que ela se faz a partir dos fotógrafos, dos editores de cartões postais e pelo público. Oito editoras comercializam as imagens de Maceió, sendo seis na própria cidade, uma na capital federal, Rio de Janeiro, e outra na Áustria. Os fotógrafos são Luiz Lavenère e Antenor Pitanga. “Pela grande quantidade de séries disponibilizadas e o envolvimento de vários editores, principalmente no período antes da primeira guerra, o negócio deve ser lucrativo” (p.146.). Campelo identifica 94 marcos paisagísticos registrados nas imagens então produzidas, sendo os mais recorrentes: Boca de Maceió, Levada, Praça e Teatro Deodoro, Estação Central e Palácio do Governo, Alto do Jacutinga (atual bairro do Farol), Antigo Farol e a Catedral. As primeiras imagens marinhas, posteriores as da orla lagunar da Levada e do Trapiche da Barra, vieram do porto de embarque do Jaraguá, seguidas das praias de Pajuçara e Ponta Verde. No registro fotográfico, Campelo percebe que os editores e os fotógrafos captam e privilegiam um bucolismo constante, pois “há algo na alma da Maceió dos cartões-postais que não se enquadra nesse discurso de progresso e desenvolvimento e faz com que dele escape” (CAMPELO, 2009: p. 176).

No caso das representações de ‘terra dos marechais’ e de ‘jardim de felicidades’ criadas pelo público, elas são claramente confirmadas em imagens que permeiam as diversas séries aqui analisadas. A expressão ‘terra dos marechais’ é uma conhecida legenda de Alagoas confirmada nas imagens de cartões-postais. ‘Jardim de felicidades’ pode ser fortemente visto nas imagens de praças, de paisagens lagunares e praias [...]. Os marechais de Alagoas são ilustrados por uma vista panorâmica da Cidade e não pela estátua de Floriano Peixoto existente no cartão-postal ‘Palácio do Governo’ ou pela de Deodoro da Fonseca, no cartão-postal ‘Teatro Deodoro’, ambos da mesma série. (Idem: p. 204)

Em 1919 é publicada a obra Canais e Lagoas, do naturalista alagoano Octávio Brandão. Originário da cidade de Viçosa, conhecida por ser o berço de diversos pesquisadores da área do folclore, o autor, que se projeta nacionalmente por conta da sua atuação no Partido Comunista Brasileiro (PCB), dá uma abordagem literária às geografias lagunares do entorno da Maceió do início do século XX. Seu objetivo foi o de “estudar a Terra e o Homem da região” (BRANDÃO, 2001: p.9). Afirma que os canais e lagoas são um “Amazonas em miniatura”, cercados de beleza natural, em contraste com a condição humana e intelectual dos viventes e das relações estabelecidas. Sob o ponto de vista central da cidade de Maceió, o embaixador português no

Brasil, Julio Dantas, ao instalar-se no Bela-Vista Palace Hotel¹⁴, em 1924, enquanto convidado oficial do Governo do Estado, afirmaria: “Tenho a impressão de que estou numa terra de príncipes, pois este hotel é um dos mais lindos do Brasil” (VERAS FILHO, 1991: p. 44). O Bella Vista tinha uma arquitetura bizantina, erguia-se de frente à praia da Avenida, sendo demolido em 1965.

Preocupado com os avanços de tecnologias, como o rádio e o cinema, e sua possível interferência na originalidade da alma artística popular brasileira, Mário de Andrade empreende na década de 1920 uma jornada às regiões Nordeste e Norte do país. O resultado desta sua aventura foi a institucionalização da sua experiência com a Missão de Pesquisa Folclórica de 1938, e um livro póstumo chamado *O Turista Aprendiz*. Ele passa por Alagoas, pela primeira vez, em maio 1927, pelo porto marítimo de Maceió, e registra suas primeiras impressões:

Maceió. A noitinha clara paramos ao largo de Maceió, pra um grosso desembarcar. Veio um catraieiro cantando *Meu barco é veleiro*, um coco lindíssimo, e fincou um arpão no Pedro I. Então desceram tantas malas de correio, mas tantas, que toda a gente de bordo ficou farta de saber que em Alagoas está muito desenvolvida a literatura epistolar. (ANDRADE, 2015: p. 62)

Em 10 de agosto do mesmo ano, Mário de Andrade retorna a Maceió, novamente pelo porto do Jaraguá: “Maceió está à vista, são quinze horas. Descemos no barco de vela. Auto. Vamos ao Bebedouro, bem no alto, contemplar as Alagoas, Butantã de Maceió. Não, o Butantã de Maceió, é o sururu¹⁵ provado numa tigelada, a bordo, mais sublime do mundo. Que suavidade meiga no açúcarado da came rija e sadia. Maceió, feiosinha...” (p. 202). Mário de Andrade cita novamente uma fritada do Sururu de Maceió na obra *Macunaíma* (1928), escrita durante esta jornada, como receita para curar ressaca. No capítulo *Notas de Viagem ao Nordeste: Diário 1928-1929*, Mário de Andrade registra que, em 11 de dezembro de 1928, fora recebido por Jorge de Lima e José Lins do Rêgo para “almoço no bar do Alemão com sururu, ostras e camarão; ótimo. Passeios no domingo esplêndido” (ANDRADE, 2015: p. 218). Em 21 de fevereiro de 1929 ainda

¹⁴ “O Hotel Bella foi inaugurado às 13 horas do dia 21 de junho de 1923, e funcionou até o início da década de 60, tendo seu prédio sofrido demolição em 1963. O Hotel ficava na Praça Palmares, no local onde funcionou o antigo Hotel Universal, na famosa “Boca de Maceió”” Fonte: Museu da Imagem e do Som de Alagoas. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

¹⁵ O Sururu, que em tupi significa “Bicho Úmido” é um molusco bivalve (entre duas conchas) fartamente encontrado na lagoa Mundaú, região metropolitana de Maceió. Seu Imaginário foi elevado à condição de Patrimônio Imaterial do Estado de Alagoas, em dezembro de 2014 pelo Conselho Estadual de Cultura, a partir do ensaio “Imaginário Sururu: Um patrimônio a contrapelo” da autoria de Ernani Viana e Edson Bezerra. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

escreve:

Amanheço em Maceió. Pelas 8 horas me aparecem a bordo Jorge de Lima, Lins do Rego e no trapiche já o dezanove anos Aluísio Branco. Visita à Associação Comercial móde ver os objetos de feitiçaria das macumbas¹⁶. Interessantes. Depois visita ao Lavenère que me oferece livros dele. Depois almoço no Restaurante alemão, sururu, camarões, ponche de maracujá, salada de frutas. [...]. (Idem, p 244)

Em 9 de dezembro do mesmo ano, realiza sua última passagem pela cidade e a descreve com maiores detalhes:

Maceió, 9 de dezembro. No longe estão os trapiches compridos chamando, são apenas cinco horas e Maceió já está inteirinha acordada de Sol. O mar tem uma riqueza de verde, maior que Copacabana. [...] Não tive tempo no passeio pra examinar a arquitetura da cidade. Me pareceu comum, porém sincera. Distingue-se muito, no meio dela, pela graça discreta, a ausência de empetecamento e um corpo manso, bem equilibrado, a casa nova de Jorge de Lima, poeta da Negra Fulô. Negra Fulô, Jorge de Lima, a casa dele, o amigo nosso Lins do Rego, ponche de maracujá, o sururu das alagoas, são tesouros de Maceió. No fim da viagem inda passarei uns dias aqui, hei-de contar melhor como é Maceió por dentro. Hoje quase que não vi nada. Fui levado no embalo dos amigos, por praias, no gradeado dos coqueiros, por morretes colhendo sururu na aba das alagoas, por estradas de rodagem mansas, que não chamam atenção...[...] E está chegando o tempo de festar. Junto de árvores negras de sol, com paus e barro estão esculpindo uma barcaça de alto-mar. Ai dançarão cantado o fado eterno da Nau Catarineta, é a Chegança ... – Sobe, sobe, meu gajeiro... E a caboclada brasileira há-de repisar mais uma feita sem consciência de heranças, brasileira como alagoana, aqueles portugas do fastígio que pra voltar das aventuras passava ano e mais ano buscando terra de Espanha, areias de Portugal... Tudo isso enche meu peito que nem posso respirar. (pp. 265-266)

Claramente, Andrade sempre esteve em Maceió apenas de passagem, mas seus registros indicam uma prática, de possível constatação empírica na atualidade, a de que os visitantes nunca teriam tempo para conhecer Maceió por dentro. Théo Brandão (2003) afirma que o não registro folk da cultura local, pelo citado modernista, no livro *Danças Dramáticas do Brasil* deveu-se não à ausência de um corpus folclórico, mas, sim, pela falta de pesquisas locais que pudessem oferecer pistas para o registro, mesmo que Andrade estivesse hospedado na casa de Jorge de Lima, que é considerado por ele, Théo Brandão, como quem primeiro forjou uma estética nativa alagoana. Como visto, Mário de Andrade obteve contato, sim, com os folguedos populares locais em boa medida.

Depois da sua passagem por Alagoas, e da veiculação das suas experiências impressas

¹⁶ Trata-se da Coleção Perseverança, objetos sagrados provenientes dos terreiros de Maceió coletados após o fatídico “Quebra de Xangô de 1912” Para mais informações: Duarte, A. Catálogo ilustrado da Coleção Perseverança. Departamento de Assuntos Culturais, Maceió: 1974. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

em jornal paulista, identificam-se edições voltadas para quem desejasse ir a Maceió a passeio. Destacam-se duas. A primeira, intitulada *O Sururu*, do poeta parnasiano Affonso de Carvalho, publicada na revista carioca *Da Semana*, em 29 de março de 1930, o qual começa o texto deixando claro para quem ele se destina: “O sururu é privilégio da terra dos canais e das lagoas. O viajante, que um dia já teve a ventura de com ele travar relações digestivas, não quer outro prato, em chegando a Maceió, com algumas horas de fome concentrada da Bahia ou do Recife” (CARVALHO, 1930: p. 23).

A segunda edição, publicada sete anos mais tarde, é de Moreno Brandão com a obra *Vade Mecum do Turista em Alagoas*¹⁷, feita por encomenda do deputado federal Orlando Araújo. Ali já se desconsidera a parte antiga da cidade às margens da lagoa Mundaú, seus portos e suas barras. “Sua capital é Maceió, situado perto do mar, nas proximidades da ponta verde [...] Mantém florescente commercio com o estrangeiro e com as principais praças de maior importância do Brasil, pelo porto de Jaraguá” (BRANDÃO, 1937: pp. 5-6). Ao destacar o papel da capital alagoana, descreve: “Primeira na hierarquia de todas as suas localidades, Maceió, que é também o primeiro ecúmeno da zona paralia, merece ocupar as atenções, antes de qualquer segmento da terra mirífica dos Marechaes” (p. 37).

Para encerrar, destaca-se trecho da obra *O Caminho*, de Octávio Brandão, escrito em 1937, quando exilado em Paris. De maneira poética põem Dionísio a flunar por Maceió:

Dionísio não encontrou trabalho em Viçosa. Auxiliado por um conhecido, tomou o trem para Maceió. [...] Diante de Dionísio, foram desfilando terras e mais terras sem cultivo. Nas estações, crianças magras vendiam frutas e negras ofereciam doces. [...] O jovem chegou a Maceió [...] Foi à praia do Sobral visitar o oceano. Galgou o Alto do Farol para gozar a beleza da paisagem e, ao longe, a linda lagoa Mundaú. Foi ao Trapiche e ao Pontal da Barra, ver o céu azul, o sol de ouro e os verdes coqueiros mirando-se na água clara dos canais. [...] Uma noite, ao luar, na Praia da Pajuçara, numa rede amarrada entre dois coqueiros, dormiu embalado pelos cantos dos jangadeiros, pelo murmúrio da brisa nas palmas e pelo barulho poderoso do oceano. Na Praça do Mercado, as tamarineiras abriam os ramos como braços, estendendo sua grande sobra hospitaleira para os homens do povo. [...] Na praça Deodoro, saudou o Proclamador da República [...]. Na praça dos Martírios saudou Floriano Peixoto, o Consolidador [...]. Na Levada, Dionísio viu os casebres miseráveis contrastando com os palacetes do Alto do Farol. Na Boca da Levada, viu as canoas que chegavam carregadas de cocos e mangas, de telhas e tijolos. [...]. (BRANDÃO, 2007: pp. 257-259)

Em tom lastimoso, arremata: “No seio da sociedade uns empobreciam e outros

¹⁷ Um comparativo temporal com outras produções de mesmo teor: “O Guia do Viajante no Rio de Janeiro”, escrito por A. do Valle Cabral, publicado em 1884 e o “Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife”, por Gilberto Freyre, em 1934.

apodreciam” (Idem: p. 259).

4. Considerações Finais

O presente artigo buscou trazer a luz obras pouco presentes na pesquisa em Turismo, mesmo para aqueles que tenham Maceió por objeto de investigação, elaborados em períodos anteriores a publicação do *Vade Mecum do Turista em Alagoas*, de Moreno Brandão, em 1937. Segundo os registros levantados, o primeiro a considerar-se “como um simples turista” em Maceió foi o próprio imperador Dom Pedro II, em escrito de 1859. O ilustre visitante destaca o fosso existente entre a conservação das repartições públicas destinadas as performances da classe política e jurídica do Estado, em detrimento da má conservação e falta de zelo nas instituições dedicadas aos demais setores da sociedade, tais como cemitério, hospital, matadouro e escolas. Este comportamento de fruição turística só vem a se repetir com Mário de Andrade, na década de 1920, e mesmo que em tom poético-ficcional, como o do Dionísio de Octávio Brandão, na década seguinte. Encontraram-se, também, estudos que dão suporte a nossa inferência de que se passou a ter uma preocupação com os visitantes, ao usar os recursos nativos como fator de atração e tangibilização de experiências memoráveis, a partir do desenvolvimento técnico da fotografia. e das publicações de Mário de Andrade.

Reforça-se a ideia de que o nascimento da cidade se deu pelo posicionamento estratégico do Porto de Jaraguá e dos mais diversos interesses envolvidos em sua defesa e estruturação. A “falta de empetecamento” dos bairros nem tão distantes dos modernos centros comerciais e da orla marítima, “que dá a impressão de estar numa terra de príncipes”, se constrói em um jogo sócio-histórico muito particular. O fato de o mito fundacional do Estado de Alagoas não estar vinculado a uma batalha ou defesa triunfante do seu território, talvez traga algumas fragilidades identitárias e relações de forças sociais desiguais, que se manifestam de forma agônica nas obras artísticas destacadas ao longo do texto. As belezas naturais da cidade sempre foram notadas e registradas de modo muito singular em detrimento da sua pouca, situada e restrita urbanidade.

Referências

AGASSIZ, L.; AGASSIZ, E. C. Viagem ao Brasil 1865-1866. Tradução e notas de Edgar Süsskind de Mendonça. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

ALAGOAS, Secretaria de Estado do Planejamento, Gestão e Patrimônio. Perfil municipal de Maceió. Ano 4, nº 4, 2018. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

ANDRADE, M. de. O turista aprendiz. Edição de texto apurado, anotada e acrescida de documentos por Telê Ancona Lopez, Tatiana Longo Figueiredo; Leandro Raniero Fernandes, colaborador. Brasília: IPHAN, 2015. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

BARREIRO, J. C. Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: Cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: UNESP, 2002.

BARRETTO, M. O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do Turismo. Horizontes Antropológicos, V. 9, n. 2), 2003. pp. 15-29 [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

BENJAMIN, W. Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas. V. I. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEZERRA, E. J. de G.; VASCONCELOS, D. A. L. de. Roteiros para um novo modelo de turistificação: Do turismo de massa a águas alternativas (e alegorias) em Alagoas. In Silvana Pirillo Ramos (org.). Planejamento de Roteiros Turísticos. pp.113-130. Porto Alegre: Asterisco, 2012.

BRANDÃO, M. Vade Mecum do turista em Alagoas. Edição Fac-Símile. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2013.

BRANDÃO, O. Canais e Lagoas. Maceió: Edufal, 2001.

BRANDÃO, O. O Caminho. Maceió: Edufal, 2007.

BRANDÃO, T. Folguedos Natalinos. Maceió: Edufal, 2003.

CAETANO, A. F. P. Nos confins, nas vilas e na comarca... A construção da autonomia política, administrativa e jurisdicional Alagoana. (Século XVI-XVIII). In Antônio Filipe Pereira Caetano (Org). Alagoas e o império colonial português: ensaios sobre poder e administração (séculos XVII-XVIII). p. 13-43. Maceió: Cepal, 2010.

CAMPELLO, M. de F. de M. B. A construção coletiva da imagem de Maceió: Cartões-postais 1903/1934. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano, Universidade Federal de Pernambuco, 2009. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

CAMPELLO, M. de F. de M.; et al. Certidão de nascimento de Maceió. Rev. Eletrônica Cent. Interdiscip. Estud. Cid., V. 9, n. 2, pp. 420-455, 2017. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

CAMPOS, L. J. de; TADIOTO, V. M. 'Coisas-A-Saber' no Turismo: Reflexões sobre o Conceito de Segmentação. Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, V.13, n. 4, pp.1069-1087, 2021. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

CARVALHO, C. P. de. Economia popular: Uma via de modernização para Alagoas. Maceió: Edufal, 2005.

CARVALHO, C. Formação histórica de Alagoas. Maceió: Grafitex, 1980.

CARVALHO, A. de. O Sururu. Revista da Semana. Anno XXXI, n. 15. Rio de Janeiro, 29 de março de 1930. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

COSTA, C. Alagoas em 1931. Anuário Estatístico. Governo do Estado de Alagoas, 1932. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

DA SILVA NETO, E. V. Maceió nos registros do turista aprendiz Mário de Andrade. In História de Alagoas (site) publicado em 31 de maio de 2021. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

DA SILVA NETO, E. V; BEZERRA, E. J. de G. Imaginário Sururu: Um patrimônio a contrapelo. Revista Rosa dos Ventos – Turismo e Hospitalidade, V. 6, n. I, pp. 96-116, 2014. [Link](#) Último acesso em 9 de março de 2023.

DUARTE, A. Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina nas Alagoas: A viagem realizada ao Penedo e outras cidades sanfranciscanas, à cachoeira de Paulo Afonso, Maceió, Zona Lacustre e região norte da Província (1859/1860). Imprensa Oficial Graciliano Ramos. Maceió: Cepal, 2010.

FLECK, E. C. D. De terra de ninguém à terra de muitos: olhares viajantes e imagens fundadoras (do século XVII ao XIX). Coleção História Geral do Rio Grande do Sul - Colônia. Passo Fundo, RS: Méritos, 2006.

FRANÇA, J. M. C. A Construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII: Antologia de textos (1951-1808). Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

GARDNER, G. Viagens no Brasil: Principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841. Rio de Janeiro: Nacional, 1942. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

GASTAL, S. Turismo, imagem e imaginário. São Paulo: Aleph, 2005.

GASTAL, S. Turista cidadão: Uma contribuição ao estudo da cidadania no Brasil. In Anais... XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UnB, 6 a 9 de setembro de 2006. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

GASTAL, S.; DA SILVA NETO, E. V. Turismo e Cultura: O Carnaval na Cidade de Maceió (Brasil). Revista Lusófona de Estudos Culturais, V. 8, n. 1, pp. 221-239, 2021. [Link](#) Último acesso em 9 de março de 2023.

GASTAL, S.; MOESCH, M. Turismo, políticas públicas e cidadania. São Paulo: Aleph. 2007.

GRAHAM, R. Brasil-Inglaterra (1831). História geral da civilização brasileira. V. 4, n. 2. Brasil Monárquico. São Paulo: Difel, 1974.

HENRIQUES, C. Turismo, cidade e cultura - planejamento e gestão sustentável. Lisboa: Silabo, 2003.

IANNI, O. Enigmas da Modernidade-Mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Cidades, Maceió, 2023. [Link](#)

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. Dossiê de Candidatura da Serra da Barriga, Parte Mais Alcantilada. Quilombo dos Palmares a Patrimônio Cultural do Mercosul. São Carlos: Cubo, 2017. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

IVO, L. Calabar – Um poema dramático. In Poesia completa (1940-2004). pp. 687-740. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

JAFARI, Jafar. La cientifizacion del turismo. Estudios y Perspectivas en Turismo, V. 3, n. 1, 1994, pp. 7-36.

KELLER, P. Uma nova maneira de ver o turismo global. Análises regionais e globais do turismo brasileiro. pp. 3-17. São Paulo: Roca, 2005.

KIDDER, D. P. Reminiscências de viagens e permanências no Brasil: Províncias do Norte. Brasília: Senado Federal, 2008. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

LE GOFF, J. História e memória. Campinas-SP: Unicamp, 1990.

LIMA, I. F. Maceió a cidade restinga: contribuição ao estudo geomorfológico do litoral alagoano. Coleção Pensar Alagoas, Cepal, 2010.

LINDOSO, D. Uma cultura em questão: a alagoana. Maceió: Edufal, 1981.

LINDOSO, D. A utopia armada. Rebeliões de pobres nas matas do tombo real. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LINDOSO, D. Formação de Alagoas Boreal. Maceió: Catavento, 2000.

LINDOSO, D. Interpretação da Província. Estudo da Cultura Alagoana. Maceió: Edufal, 2005.

LIRA, F. J. de. Formação da riqueza e da pobreza de Alagoas. Maceió: Edufal, 2007.

LIRA NETO. Getúlio: Do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930/1945). 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MACEIÓ, Conselho Municipal de Turismo de. Um olhar sobre o turismo de Maceió – Oferta x demanda. Resumo executivo. Marcela Pimenta Campos Coutinho, Jannyne Lima de Meira Barbosa (Org.). Brasília: IABS, 2016. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

MAFFESOLI, M. O imaginário é uma realidade. Revista Famecos, 15, pp. 74-87, 2001. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

MORAIS, J. de A. L. Apontamentos de viagem: De São Paulo á capital de Goyaz, desta á do Pará, pelos rios Araguaya e Tocantins, e do Pará á Côrte. Considerações administrativas e políticas. [s.l.: s.n.]. 1882. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

NERI, M. Mapa da nova pobreza. Rio de Janeiro: FGV, 2022. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

PEDROSA, J. F. M. Histórias do velho Jaraguá. Maceió: Talento, 1998.

PESAVENTO, S. J. O imaginário da cidade: Visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

RIBEIRO, M. M. O gênero narrativo de viagem na literatura ocidental. In Anais... XIII ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. 12 a 15 de setembro. Salvador-BA, 2017. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

RODRIGUES, A. B. Turismo e espaço: Rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.

ROUSSIN, A-R. Le Pilote Du Brésil: Description des Cotes de L'amérique Méridionale Entre L'ile Santa-Catharina Et Celle De Maranhao. Paris: Imprimerie Royale, 1845. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

SAUER, A. Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brazil para 1883. H. Laemmert & C.: Rio de Janeiro. 40º anno. 3º volume, 1883. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

SILVA, P. Desafios da gestão patrimonial e economia em Portugal. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 39. Gestão turística em sítios patrimoniais: Boas práticas internacionais. pp. 101-115 Brasília: IPHAN, 2019. [Link](#) Último acesso em 9 de março de 2023.

SILVA, S. A “roda de Maceió” e o projeto regionalista: Uma perspectiva etnográfica das disputas ocorridas no mundo do livro dos anos 1930. Ciências Sociais, V. 42, n. 2, pp. 91-107, 2011. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

SIMÕES, M. de L. N. De leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. Revista Brasileira de Literatura Comparada, v. 6, n. 6, p. 177-184, 2002. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

SOUSA, G. S. de. Tratado Descriptivo do Brasil em 1587. 2 ed. mais correcta e acrescentada com um additamento. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva, 1879. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

SOUZA, A. M. de. Viagens e observações de hum brasileiro. Tomo Primeiro. Rio de Janeiro: Typ. Americana, 1834. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

VASCONCELOS, D. A. L. de; ARAUJO, L. M. de; RAMOS, S. Evolução histórica do destino turístico Maceió-Alagoas-Brasil: de antecedentes à atual situação. Revista Iberoamericana de Turismo, V. 6, n.1, pp. 139-164, 2016. [Link](#). Último acesso em 9 de março de 2023.

VERAS FILHO, L. História do Turismo em Alagoas. Maceió: Sergasa, 1991.

VINUESA, M. Á. T.; TORRALBA, L. T. Cidades patrimoniais e turismo: Uma experiência espanhola. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 39. Gestão turística em sítios

patrimoniais: Boas práticas internacionais. pp. 129-155, 2019. [Link](#) Último acesso em 9 de março de 2023.

YÁZIGI, E. A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano. São Paulo: Contexto, 2001.

Sobre os autores:

Ernani Viana da Silva Neto: Mestre em Turismo. Doutorando em Turismo e Hospitalidade, Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, Universidade de Caxias do Sul; Pesquisador bolsista Prosuc/Capes; Realizador Audiovisual e Produtor Cultural.

Susana de Araújo Gastal: Professora Titular na Universidade de Caxias do Sul. Pesquisadora e Orientadora do PPGTurH/UCS (Mestrado e Doutorado). Bolsista CNPq de produtividade em pesquisa 1D. Estágio Pós-Doutoral na Universidade Católica Portuguesa (2012-2013). Doutorado em Comunicação Social pela PUC-RS (2002). Mestrado em Artes Visuais pela UFRGS (1995). Graduação em Comunicação Social pela PUC-RS (1974)

Artigo recebido para publicação em: 12 de abril de 2023.

Artigo aprovado para publicação em: 29 de agosto de 2023

Como citar:

DA SILVA NETO, Ernani Viana; GASTAL, Susana de Araújo. Prototurismo em Maceió-AL [Brasil]: Perscrutando narrativas de viagem. *Revista Transversos*. Dossiê Por uma História do Turismo: Atividade e fenômeno turístico em perspectiva histórica. Rio de Janeiro, n.º. 28, 2023. pp. 177-200. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/74935>. ISSN 2179-7528. DOI: 10.12957/transversos.2023.74935

